

TRANSDISCIPLINARIDADE E EDUCAÇÃO DO FUTURO

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, por quaisquer meios, sem autorização prévia, por escrito, da Cátedra Unesco de Juventude, Educação e Sociedade.

The authors are responsible for the choice and presentation of information contained in this book as well as for the opinions expressed therein, which are not necessarily those of UNESCO and do not commit the Organization.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1999, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Coleção Juventude, Educação e Sociedade

Comitê Editorial

Geraldo Caliman (Coordenador), Célio da Cunha, Carlos Ângelo de Meneses Souza, Florence Marie Dravet, Luiz Síveres, Renato de Oliveira Brito.

Conselho Editorial Consultivo

Maria Teresa Prieto (México), Bernhard Fichtner (Alemanha), Roberto Silva (USP), Azucena Ochoa Cervantes (México), Cristina Costa Lobo (Portugal).

Revisão: *Renato Thiel*

Projeto gráfico / Impressão: *Cidade Gráfica e Editora Ltda.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

T772

TRANSDISCIPLINARIDADE e educação do futuro / Florence Dravet, Florent Pasquier, Javier Collado, Gustavo de Castro, organizadores -- Brasília: Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade ; Universidade Católica de Brasília, 2019.
260 p.; 24 cm.

ISBN: 978-85-62258-39-8

1. Educação 2. Educação Superior 3. Transdisciplinaridade 4. Desenvolvimento sustentável 5. Cultura I. Dravet, Florence (org.); II. Pasquier, Florent (org.); III. Collado, Javier (org.); IV. Castro, Gustavo (org.). V. Título.

CDU: 38:001

Elaborado por Charlene Cardoso Cruz – CRB -1/2909

Cátedra Unesco de Juventude, Educação e Sociedade

Universidade Católica de Brasília Campus I
QS 07, Lote 1, EPCT, Águas Claras 71906-700
Taguatinga – DF / Fone: (61) 3356-9601
catedraucb@gmail.com

CAPÍTULO VII

Diálogo: raízes, redes e rodas

Luiz Síveres

Idalberto José das Neves Júnior

José Ivaldo Araújo de Lucena

Introdução

No Congresso Transdisciplinar para a Educação do Futuro, realizado nos dias 21 e 22 de novembro de 2018, foi desenvolvida uma oficina sob o título: Diálogo – raiz, rede e roda. Tais alegorias foram utilizadas para compreender o diálogo como um projeto existencial (raiz), como um processo relacional (rede) e como um procedimento transcendental (roda).

Esses aspectos, dentre outros que poderiam ter sido desenvolvidos, foram pensados por meio de uma abordagem contextual, de um aprofundamento conceitual e de um encaminhamento educacional. Por meio destas considerações buscou-se responder ao seguinte desafio: Como promover um diálogo educativo, tendo como referência a dimensão existencial, relacional e transcendental, num contexto monocrático e monológico?

A oficina teve a participação de aproximadamente 25 pessoas e, na sua maioria, vinculados aos programas de pós-graduação e, em decorrência, ao Grupo de Pesquisa: Comunidade escolar, encontros e diálogos educativos (CEEDE). A dinâmica do seminário ocorreu de acordo com os seguintes passos:

- ✓ Boas-vindas e motivação para o tema.
- ✓ Organização de subgrupos de trabalho a partir de escolhas sociométricas, utilizando três gravuras, com imagens de uma árvore com raízes profundas, redes de pessoas interconectadas, e rodas

de pessoas sentadas exercitando o diálogo.

- ✓ Após a formação dos subgrupos, cada um assumiu uma questão norteadora para refletir e expressar artisticamente, por meio de um desenho, ou colagem, pintura, escultura corporal, entre outras formas espontâneas e criativas de protagonismo do grupo.
- ✓ Grupo Raiz (Dimensão antropológica – *Self/Ser*). Questão norteadora: Como o diálogo poderia contribuir com a vivência existencial?
- ✓ Grupo Rede (Dimensão epistemológica – *Logos/Saber*). Questão norteadora: Como o diálogo poderia contribuir com a construção do conhecimento?
- ✓ Grupo Roda (Dimensão pedagógica – *Hódos/Agir*). Questão norteadora: Como o diálogo poderia contribuir com o agir pedagógico?
- ✓ Plenária com a apresentação das apresentações artísticas oriundas das reflexões de cada grupo.
- ✓ Síntese final por parte do facilitador.

Dimensão existencial

O diálogo é uma dinâmica inerente à condição humana. Por isso, todo ser humano nasce por meio de um diálogo amoroso, vai se desenvolvendo por meio de diálogos existenciais e termina seu percurso humano dialogando com a transcendência.

Para que isso seja viável, o diálogo como raiz, precisa ser radical, isto é, conduzir os protagonistas do diálogo para um aprofundamento existencial cada vez mais profundo. Neste sentido é recomendado superar os diálogos que tocam apenas na superfície e estabelecer relações que buscam as razões mais profundas da própria condição humana.

Um segundo aspecto da raiz é o seu movimento rizomático. Por meio deste processo as ramificações podem ser estabelecidas pela diversidade de abordagens que o diálogo poderia inaugurar e diversificar, seja numa dimensão mais individualizada ou em realidades mais coletivas. Por meio deste procedimento pode se ampliar as características do diálogo que, de uma forma ou outra, aumentam e diversificam as temáticas dialogais.

O terceiro aspecto da raiz é sua dinâmica troncal, isto é, a raiz não existe por si e para si, mas sempre numa vinculação com o tronco. O diálogo, nesta caracterização, estabelece a continuidade da linhagem cultural, iden-

tifica-se com a ascendência e descendência dos agrupamentos familiares e impulsiona sua energia para novos crescimentos e florescimentos sociais.

Tendo como referência o diálogo como um enraizamento, por meio das abordagens identificadas, é possível trabalhar com a ideia de que o diálogo é uma dinâmica essencial para fecundar e desenvolver a condição humana. Assim, o diálogo seria a raiz que sustenta e faz florescer a dimensão existencial do ser humano.

A partir da contextualização do diálogo, por meio das características do enraizamento, é oportuno recolher alguns textos que buscam afirmar a dimensão existencial do mesmo. Dentre distintas abordagens, é acolhida a proposta de Buber (2009), que compreende a condição existencial do ser humano como um procedimento dialógico. Isto é, o diálogo potencializa um percurso dialógico existencial.

Com o objetivo de parametrizar esta proposta, é recomendado retomar a obra principal de Buber (2001), que no seu livro *Eu e Tu*, estabelece que o princípio fundamental de toda a vida humana, que se propõe ser verdadeira, estaria pautada no encontro, isto é, numa relação entre o *Eu-Tu*.

Portanto, o diálogo como um empreendimento dialógico, compreende uma postura relacional entre as pessoas, porém, demarcada por uma atitude de reconhecimento do outro, de responsabilidade pelo outro e de reciprocidade entre o *Eu* e o *Tu*. Desta forma revela-se uma disposição para estabelecer um diálogo que, numa dimensão dialógica, assume uma atitude comportamental que compreende atitudes inter-humanas.

O desdobramento desta dinâmica inter-humana, que é nitidamente pautada pelo diálogo, potencializa as relações humanas para se chegar a um procedimento dialógico por meio de relações sociais. Este relacionamento, além de englobar as proximidades mais singulares, potencializa a dimensão comunitária para desenvolver uma política capaz de constituir as coisas públicas, isto é, fundamentar a república.

O diálogo como elemento essencial do ser humano, na medida em que é afirmado por meio de relações pessoais e sociais, potencializa uma relação dialógica com o objetivo de implementar uma reflexão e uma prática comunitária e democrática. Portanto, o diálogo como um enraizamento pretende consolidar a condição humana, expressando-se como um procedimento dialógico, por meio de encontros personalizados e de relações sociais.

As reflexões partilhadas pelo primeiro grupo, por meio de imagens que pudessem representar a raiz, podem ser visualizadas por meio da figura do

coração. A justificativa para esta expressão estaria no fato de que:

O coração tem tudo a ver, porque por meio dele me apaixono e aí vejo essa conexão com o mundo, com a vegetação, a vida. Com esse coração eu brinquei de amor, que foi a própria concepção. Então houve um diálogo entre duas pessoas e elas me conceberam. Nesse contexto, o primeiro contato de diálogo que eu tive foi com a minha mãe.

Uma outra partilha foi feita com a figura do pé, objetivando revelar a raiz do diálogo. Uma das manifestações deste grupo foi assim verbalizada:

Eu coloquei o pé porque relatei também com a árvore. Relacionei como a raiz, a base da árvore e o pé também é a base do nosso sustento, do nosso corpo. O diálogo é também a base das relações, por isso tem que haver diálogo, às vezes não somente em palavras, mas em gestos, pois até no silêncio ocorre diálogo. O diálogo revela a base que nos diz quem somos, nossas raízes, nossa cultura, de onde viemos e para onde vamos.

Porém, a figura que mais sobressaiu foi a própria raiz, devido aos distintos significados percebidos pelo grupo. Um primeiro estaria relacionado à própria existência humana, conforme a explicitação seguinte:

As raízes representam um pouco disso, elas buscam a seiva no fundo da terra, assim como no diálogo nós buscamos construir valores, princípios, a ética que conduz a nossa existência para visualizar as razões de viver.

Uma segunda manifestação estaria vinculada à categoria relacional que o próprio diálogo proporciona. O depoimento seguinte manifesta, justamente, esta dimensão:

Quando você é raiz, você vê toda a história da árvore e aqui o fruto vai se tornar semente novamente, você vai voltar a ser essa raiz, quer dizer que você germinará e voltará a ser semente, nesse processo que é cíclico.

E uma terceira explicitação estaria vinculada à dimensão sistêmica, isto é, o diálogo pode proporcionar uma dinâmica de interdependência, conforme a verbalização seguinte:

As raízes representam a interdependência, representam o que é sistêmico e ainda, se tivessem outras árvores, todas as raízes estariam se comunicando na interdependência. E quando vocês falam de cada um, eu vejo que é a diversidade, essa individualidade na diversidade toda e nessa interdependência.

As reflexões e explicitações deste grupo revelam, justamente, que o diálogo tem esta disposição de raiz, no sentido de estar presente na própria condição humana e, assim, fortalecer a diversidade de vínculos, sejam eles pessoais ou sociais. Por esta razão, o diálogo é um elemento fundante da condição existencial de todo ser humano.

A percepção desta realidade poderia impactar o processo educativo, carregando de sentido e de significado as experiências pedagógicas, por meio de processos dialógicos, pautados por uma educação imbricada com a vida, onde as coisas não são separáveis, o conhecimento é contextualizado e a diversidade é respeitada pelo exercício da empatia e da amorosidade.

Esses preceitos têm seu enfoque teórico direcionado para o Pensamento Ecosistêmico, desenvolvido por Moraes (2004), que tem a complexidade e a transdisciplinaridade como fundamentos epistemológicos, respectivamente concebidos por Morin (2015) e Niculescu (1996).

O Pensamento Ecosistêmico, por reconhecer a multidimensionalidade da natureza humana, que poderia ser explorada a partir das metáforas utilizadas pelos partícipes da Oficina, as imagens do coração, da raiz e do pé, podem depreender o quanto a prática pedagógica – que inclui a dimensão existencial do diálogo – pode favorecer a proposição de uma educação mais sistêmica e interativa.

Dinâmica relacional

A segunda dimensão, que é a dinâmica relacional, é identificada pelo conjunto de fios e tranças que formam a rede. Esta vai se construindo por meio de expressões nodais, fazendo com que o diálogo possa ser explicitado por meio de encontros de ideias ou de idealizadores, que em comum acordo buscam partir de experiências comuns ou de ideias nodais.

Outro aspecto da rede é a necessária vinculação que se estabelece com outras situações comuns ou com outros pensamentos nodais. Nesta per-

cepção é necessário compreender que o diálogo não se esgota nos pontos nodais, mas o mesmo está sempre conectado e direcionado para uma outra junção, chegando a formar uma grande rede de fios e pontos nodais.

Nessa analogia, a rede é sempre formada por nós e fios, e no intervalo entre os nós encontra-se o vazio. No diálogo, o que não é dito ou não é verbalizado, também tem sua importância. Por isso, no diálogo o espaço do silêncio é relevante no sentido de postular que a vida, por meio das mediações dialogais, torna-se um importante campo interativo no conjunto das relações.

O diálogo, compreendido como uma rede revela a dinâmica fractal de um conjunto holístico, isto é, cada experiência dialogal potencializa novas relações, seja com outros agrupamentos sociais ou com novas ramificações existenciais.

O contexto visualizado pela rede, no sentido de estabelecer sinapses e linhas, possibilita compreender o diálogo como uma dinâmica relacional entre os distintos sujeitos e seus projetos. Apesar da realidade contemporânea estar identificada, segundo Gadamer (2009), pela sua incapacidade de dialogar, característica resultante do isolamento entre as pessoas e grupos, do desenvolvimento exponencial das tecnologias digitais e da predominância da racionalidade instrumental, o ser humano continua a ser interpelado para uma relação dialogal.

Tal relacionamento poderia ser efetivado por distintas iniciativas, mas de acordo com Gadamer, o ser humano é constituído pela linguagem, considerado um atributo que poderia potencializar o diálogo. Segundo o autor, a capacidade para o diálogo refere-se, neste sentido, “[...] à possibilidade de alguém abrir-se para o outro e encontrar nesse outro uma abertura para que o fio da conversa possa fluir livremente” (2009, p. 244). Esta característica, inerente à condição humana, poderia ser o elemento desencadeador de uma relação dialogal e, por isso, constituinte de processos culturais.

A cultura humana, neste sentido, vai se forjando por meio de relações dialogais e, de acordo com Gadamer (2008), tal projeto cultural vai se forjando por meio do aperfeiçoamento dos talentos, das competências e dos valores. O diálogo, por meio da linguagem, pode ser considerado o desencadeador de um processo relacional, que incorpora, de uma forma ou outra, as relações pessoais e culturais.

A participação do segundo grupo tinha como eixo condutor a dimensão epistemológica, isto é, a característica do saber na construção do conheci-

mento. Utilizando a figura da rede, o grupo assim se manifestou:

E quando a gente pensou no que podemos definir como redes através do trabalho em grupo, a gente logo pensou no átomo. Porque o átomo remete à Física Quântica, onde tudo está interligado e a rede possibilita isso. Possibilita a interligação de pessoas e de conhecimentos.

Além desta visualização mais ampla, o grupo trouxe também algumas mediações que poderiam contribuir com a construção do conhecimento, no contexto contemporâneo. Isto pode ser depreendido pela seguinte afirmação:

Os diálogos também ocorrem por meio das ferramentas da informática, das redes sociais, então a gente começou a refletir também nos tipos de ferramentas que podemos usar para construir o conhecimento.

O grupo tinha consciência de que as instrumentalidades são apenas mediações, e o mais importante é que as mediações deveriam favorecer o diálogo. Tal proposta pode ser acolhida pela seguinte manifestação:

Quando estamos interligados o diálogo flui espontaneamente, então esse conhecimento é contínuo e tem um detalhe, ele é dependente de pessoas e nós temos que estar conectados, senão o nosso crescimento não vai fluir.

O conjunto das manifestações deste grupo ajuda a perceber que o contexto contemporâneo está permeado de instrumentalidades que podem ajudar na construção do conhecimento, mas que a finalidade das mesmas somente tem sentido se contribuem para que o saber tenha um sentido e significado para a humanidade.

Esta possibilidade pode ser percebida, também, no espaço educativo, em um exercício do saber religar as coisas, fundamento teórico de Morin (2003), que apresenta a complexidade como propriedade sistêmica, em que um sistema não pode ser reduzido em suas partes e seus intercâmbios permitem internalizar tudo que necessita para a manutenção da vida.

O diálogo, em sua dimensão relacional, contribui para a possibilidade de conexão e de interatividade, de uma educação libertadora e transformadora de sujeitos aprendentes (FREIRE, 1987), fortalecendo o estabelecimento de grupos cooperativos de aprendizagem, que reconhecem as tecnologias

digitais como artefatos facilitadores de execução e comunicação de ações, podendo propiciar aos indivíduos *insights* contributivos para a inovação e a resolução de problemas.

Esses preceitos do diálogo – dimensões existencial e relacional – parecem-nos anunciar um campo de possibilidades para a construção de processos educativos que estariam além dos limites [pré]estabelecidos por constructos positivistas, reforçando a aplicação do Pensamento Ecológico.

Diretriz transcendental

A terceira analogia é a roda. A diretriz do diálogo, explicitada pela roda indica que a vida está sempre em movimento, está sempre percorrendo um caminho, mas tem também períodos estacionários. Ela representa, assim, o início de um diálogo, que começa de forma mais lenta e aumenta em intensidade conforme o grau de confiança que se estabelece entre os protagonistas do diálogo. O diálogo, neste sentido, inicia com questões menores, mas a tendência é que com o decorrer do tempo a experiência dialogal tenha uma expressão de profundidade e de universalidade.

A roda, como o diálogo, percorre um caminho e, com raras exceções, vai subindo serras e descendo montanhas, vai rasgando rotas ou seguindo caminhos já percorridos. É importante perceber que a cada percurso que a roda estabelece, novos contatos e novos sentidos vão se vislumbrando.

Por fim, depois de girar por muitas horas ou de percorrer muitos quilômetros a roda pode parar. De forma geral este estacionamento é provisório, mas chega o momento em que ele é definitivo. A dinâmica da roda indica, portanto, que o ser humano está sempre num processo de transcendência, isto é, está sempre se fazendo e buscando sempre algo novo e diferente, até chegar na paragem definitiva da sua existência.

No cenário revelado pela analogia do diálogo com a roda, é possível visualizar as características da ausência de sentido no homem contemporâneo, pela carência de utopias nas sociedades atuais, principalmente em meio às juventudes e, de forma bastante explícita, a descrença nos horizontes de esperança para o conjunto da humanidade.

O diálogo, como um atributo transcendental, aponta para esta possibilidade de universalidade porque, no argumento de Gadamer (2008), a experiência do sentido existencial e a construção das utopias se faz através e além da história. Esta diretriz poderia indicar para um sentido existencial

mais universalizante, seja da pessoa, da sociedade ou da cultura.

Tal procedimento pode ser ancorado à proposta de Freire (1987), ao argumentar que o diálogo é um fenômeno humano que, pela reflexão e ação, transforma-se em dialogicidade. Este conceito revela a potencialidade do ser humano para ir se fazendo, porque é um ser inacabado, e de contribuir com a construção ou transformação histórica, porque é um ser de liberdade.

Este procedimento, viabilizado pelo exercício da dialogicidade, contribui com a realização da condição humana, seja na sua dinâmica pessoal e social porque em conformidade com Freire, tal processo consolida-se pelo “[...] encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (1977, p. 69). A busca desta significação, por meio da efetivação da dialogicidade, revelaria que o significado do diálogo poderia ser proposto como uma possibilidade de transformação.

O terceiro grupo, que tinha como imagem a roda, no sentido de exemplificar o diálogo como um processo gerador da transcendência, manifestou-se da seguinte maneira:

A primeira coisa é uma escuta ativa e passiva, aprender a ouvir. Porque um diálogo não é só falar, mas também ouvir. E aí nós conseguimos encontrar nas revistas desta oficina o teólogo Martin Buber, que sugere aos professores que ensinem os jovens a conviver com o outro. Isso seria uma consequência, aí nós colocamos, o que acontece hoje nas escolas, aquela pessoa que diz “não quero conversa, não quero falar” ou aquele professor também que não vê, que “tem que cumprir conteúdo”.

Para visualizar esta proposta, o grupo trouxe a imagem de uma orelhinha e, a partir dela, fez a seguinte reflexão:

Rubem Alves diz “eu nunca na vida vi um curso sendo oferecido de escutatória, mas de oratória para convencer os outros de comprar, de convencimento já vi um monte. Então vou oferecer um curso de escutatória e aí vou ver que não vai aparecer ninguém nesse curso”.

A característica da escuta sensível, que foi um dos aspectos mais evidenciados por este grupo, procurou ampliar esta percepção por meio do seguinte depoimento:

Quantos invisíveis nós temos no Brasil, nas cidades, nas escolas? Professores deixam os alunos invisíveis, aí quando a gente passa a pensar e a ouvir, nós fazemos o caminho que o Buber vem ensinando, que é o papel do outro na construção do conhecimento. Isso aí seria também o papel de se colocar no lugar do outro para que se tenha empatia, senão, não há diálogo.

A proposta deste grupo, de vincular o diálogo à escuta e ao acolhimento do outro, poderia influenciar, positivamente, o processo pedagógico por meio da imagem da roda, conforme o seguinte entendimento:

É na roda ou no círculo que um diálogo melhor acontece. Quando as pessoas se olham, as pessoas se veem, não tem a hierarquia, no círculo todos são iguais, estão no mesmo nível, porque nós falamos que a hierarquia provoca medo.

Tendo como referência estas manifestações, o grupo que tinha como imagem a roda, buscou compreender o diálogo por meio da escuta e do acolhimento do outro, bem como, caracterizar o diálogo como um procedimento mais horizontal e democrático.

Esta percepção pode impactar o percurso educacional, uma trajetória marcada por pegadas pedagógicas, trazendo para o diálogo o contraditório como complementar, a busca de uma lógica inclusiva, a escuta sensível e amorosa, podendo resultar em novas possibilidades para a transformação dos sujeitos aprendentes.

O agir pedagógico de práticas educativas tem como tríade os aspectos ontológicos (o ser), epistemológicos (o saber) e metodológicos (pedagogia), fundamentados pelo exercício do Pensamento Ecossistêmico nutrido pela complexidade e transdisciplinaridade, concebidos em propriedade sistêmica.

A respeito do aspecto metodológico, a Pedagogia da Presença, Proximidade e Partida (SÍVERES, 2015), também de propriedade sistêmica, pode ser apresentada como alternativa para o agir pedagógico, enquanto princípios que orientam a dinâmica entre a presença, como reconhecimento da existência do outro nas suas mais variadas manifestações; a proximidade, como processo de interação e complementação entre o ser, o fazer e o ensinar; e, a partida, como expressão do começar e recomeçar na construção de novos conhecimentos e saberes.

Conclusão

A experiência realizada pelo grupo que participou do seminário reforçou a necessidade de se ampliar a compreensão do diálogo, bem como, a oportunidade de se vivenciar o diálogo por meio de distintas formas. Assim, além do diálogo ser, majoritariamente, efetivado por meio da palavra e da escuta, o mesmo pode ser exercitado por meio de símbolos, como foi o caso do exercício acima descrito.

Por isso, o diálogo, em suas dimensões existencial (raiz), relacional (rede) e transcendental (roda), pode alavancar os processos de ensino e aprendizagem pela dialogicidade – problematização, reflexão crítica e ação –, pressuposto presente no Pensamento Ecológico que nutrido pela complexidade e transdisciplinaridade, pode transformar a realidade das pessoas, ensinando a pensar e aumentando as capacidades dos indivíduos em resolver problemas complexos.

No contexto deste pressuposto teórico, a dinâmica do seminário contribuiu com a participação efetiva de todos, seja pela disposição dialogal dos grupos, bem como pela associação com as analogias com aspectos distintos relacionados ao diálogo. Enfim, compreender o diálogo como uma experiência existencial, um processo relacional e uma perspectiva transcendental pode contribuir com um novo jeito de se experimentar a própria condição humana, um procedimento diferenciado para estabelecer outras formas relacionais, bem como abrir novos horizontes para viabilizar diferenciados projetos de esperança.

Referências

BUBER, M. *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro, 2001.

BUBER, M. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

GADAMER, H. *Verdade e método I*. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GADAMER, H. *Verdade e método II*. Complementos e índice. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

- FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- MORAES, M. C. *Pensamento ecossistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- MORIN, E. *Introdução ao Pensamento Complexo*. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- NICOLESCU, B. *La transdisciplinarité: manifeste*. Monaco: Rocher, 1996.
- SÍVERES, L. *Encontros e diálogos: pedagogia da presença, proximidade e partida*. Brasília: Liber Livro, 2015.